

# Coro e Orquestra Gulbenkian

**Martina Batič**

*Paixão segundo São João*  
Johann Sebastian Bach



**01 + 02 abr 26**

**01 abr 26** QUARTA 19:00  
**02 abr 26** QUINTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Coro e Orquestra Gulbenkian**

**Martina Batič** Maestra

**Johanna Zimmer** Soprano

**Marie-George Monet** Meio-Soprano

**Conny Thimander** Tenor (Evangelista)

**Thomas Hobbs** Tenor (Árias)

**André Baleiro** Barítono (Jesus)

**Lars Johansson Brissman** Barítono (Árias e Pilatos)

### **Johann Sebastian Bach**

*Paixão segundo São João, BWV 245*

#### PRIMEIRA PARTE

*Traição e Captura*

João 18: 1-14; Mateus 26: 75

*Negação*

João 18: 15-27; Mateus 26: 75

#### INTERVALO

#### SEGUNDA PARTE

*Interrogação e Flagelação*

João 18: 28-40; 19: 1

*Condenação e Crucificação*

João 19: 2-22

*A morte de Jesus*

João 19: 23-30

“Ecce, quomodo moritur justus” — Jacobus Gallus (1550-1591)

*O Sepulcro*

Mateus 27: 51-52 / João 19: 31-37

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 30 MIN

INTERVALO DE 20 MIN

## **Coro Gulbenkian**

Isabel Cruz Fernandes SOPRANO (CRIADA)

Francisco Cortes TENOR (SERVO)

Afonso Moreira BAIXO (PEDRO)

Inês Tavares Lopes MAESTRA DO CORO GULBENKIAN

## **Orquestra Gulbenkian**

Sónia Pais FLAUTA

Nelson Alves OBOÉ

Alice Caplow-Sparks OBOÉ E CORNE INGLÊS

Ricardo Ramos FAGOTE

Francisco Lima Santos VIOLINO

Anna Paliwoda VIOLINO

Samuel Barsegian VIOLA

Martin Henneken VIOLONCELO

Domingos Ribeiro CONTRABAIXO

Sofia Diniz VIOLA DA GAMBA

Miguel Jalôto ÓRGÃO

# Johann Sebastian Bach

(Eisenach, 1685 – Leipzig, 1750)

## Paixão segundo São João, BWV 245

—

COMPOSIÇÃO 1724 / 1749

ESTREIA Leipzig, 7 de abril de 1724

DURAÇÃO c. 2h

No ano de 1722 abria em Leipzig um concurso para o posto de *Kantor* na Igreja de São Tomé, um dos mais conceituados cargos da vida musical germânica, com tradição desde o século XVI. Depois de vários meses de procura, de provas, de audições e de desistências, foi finalmente escolhido Johann Sebastian Bach, um compositor considerado “mediocre” pelo júri. Bach era *Kapellmeister* na corte de Cöthen, e em Leipzig teria de ensinar latim e organizar a música sacra da cidade. Embora a passagem de um cargo para o outro pudesse ser uma despromoção em termos de carreira, o facto de mudar de uma corte absolutista de um príncipe volúvel para uma metrópole democrática, económica e politicamente estável, pareceu a Bach bastante atrativo.

Leipzig era uma cidade cosmopolita, conhecida como “*kleine Paris*” (pequena Paris), onde além das quatro igrejas em atividade, havia também parques e jardins com concertos regulares. Contudo, as autoridades, conservadoras e paternalistas, nem sempre compreenderiam o estilo de Bach. Sobre elas, o compositor confessaria que eram “estranhos e pouco interessados em música, o que faz com que eu tenha de viver em constante vexação, alvo de inveja e de assédio”.

No elenco das responsabilidades do *Kantor*, encontravam-se: escolher ou fornecer a música para os serviços litúrgicos dominicais e festivos das quatro principais igrejas de Leipzig, bem como para outros contextos da vida musical da cidade, dirigir o coro e tocar ocasionalmente em casamentos e funerais. Tinha também a obrigação de formar, ou orientar a formação dos alunos da escola da Igreja de São Tomé (a Thomasschule) que deviam assegurar a execução da música, em conjunto com músicos profissionais. A formação vocal dos alunos da Thomasschule era contínua e de qualidade, o que, em conjunto com as participações regulares em celebrações lhes permitia adquirir uma grande experiência. Bach contava assim com coros consistentes, que complementava com instrumentistas universitários ou contratados pela cidade para a temporada.

Foi durante o *tempus clausum* de 1724 (tempo de penitência, onde se restringia a música ao mínimo) que Bach escreveu a sua primeira obra em larga escala: a *Paixão segundo São João*. Era prática comum, no final dos quarenta dias de duração da Quaresma, apresentar a Paixão na Sexta-feira Santa, um momento muito aguardado pelos fiéis. Alguns dos

antecessores de Bach tinham por vezes apresentado obras algo frívolas, levianas, e por isso os representantes do conselho de Leipzig ditaram como deveria ser a Paixão desse ano: “Faça a música de modo que não seja demasiado longa, e tenha tal natureza que não dê uma impressão operática, mas antes incite o ouvinte à devoção”. Terá sido aprovada, já que foi repetida em anos seguintes, embora com revisões feitas por Bach.

A história da celebração solene com a leitura da Paixão remonta ao século IV, quando já Santo Agostinho enfatizava a necessidade de uma solenização desta importante passagem bíblica. O Papa Leão, O Grande, estabeleceria no século seguinte a escolha da versão do Evangelho Segundo São João como preferencial. Os textos da Paixão começaram desde cedo a ser entoados, inicialmente por um solista (o *diakon*) e pouco depois por três grupos, no que viria a ser a estrutura essencial da Paixão enquanto obra musical. Assim, as secções narrativas caberiam ao evangelista, as palavras ditas por Jesus Cristo teriam outro intérprete, havendo ainda o discurso direto pertencente a grupos como os discípulos, os soldados, os sumo-sacerdotes, a turba.

Com a reforma de Martinho Lutero (1483-1546), as orientações para a celebração da Paixão Protestante foram no sentido de tornar a história mais real, ao invés de a “representar através de palavras e simulação”. A consolidação da Reforma Luterana, a par com o desenvolvimento musical do norte da Alemanha, levou à introdução de episódios de reflexão, sinfonias, outros textos sagrados, versos poéticos e hinos. No século XVIII,

a Paixão era já uma *oratorio passion*, ainda sobre a passagem bíblica (traduzida para alemão pelo próprio Lutero), mas com uma forte componente artística, que atingiria o seu auge com Johann Sebastian Bach.

O libreto da *Paixão segundo São João*, cuja autoria é incerta, é uma transcrição dos capítulos 18 e 19 deste Evangelho, o mais amado por Lutero e talvez o mais espiritual dos quatro. Bach acrescentou duas cenas dramáticas retiradas de Mateus 26 e 27, nomeadamente as lágrimas de Pedro após a negação, e o rasgar da cortina do templo após a morte de Jesus. A obra é construída em duas partes, que eram interpoladas por um longo sermão. A primeira centra-se na traição de Judas no jardim de Getsémani e a consequente prisão de Jesus, e a segunda conta o julgamento perante Pilatos (cena medial da obra, ponto de simetria estrutural), a crucificação e a sepultura.

Embora a Igreja de São Tomé fosse a mais importante, a obra foi apresentada na Igreja de São Nicolau. A orquestra teria cerca de quinze elementos, entre cordas, madeiras (metais, só no Domingo de Páscoa) e baixo contínuo. É provável que os solistas formassem a base do coro, reforçado por *ripieno*. A obra abre com o texto “*Herr, unser Herrscher*” (Senhor, nosso Soberano), um majestoso *exordium* (preâmbulo destinado a captar a atenção e a compreensão da audiência) interpretado pelo coro e sustentado por uma persistente sequência de pesarasas dissonâncias feita pelas madeiras, enquanto as cordas seguem um obstinado angustiado e tumultuoso. A narrativa é contada em recitativo seco (exceto em frases como “chorou amargamente”, em arioso) pelo evangelista, um tenor, no prosseguimento da tradição

medieval de cantar a Paixão num tom relativamente elevado. É possível que Bach tenha escrito primeiro todo o relato do evangelista e depois a restante música, que intercala, em momentos importantes, com árias e corais. Jesus é interpretado por uma voz grave, de baixo.

As árias dos solistas são momentos de reflexão, retratando uma variedade de emoções. Por exemplo, a primeira intervenção do alto, com dueto de oboés, “*Von den Stricken meiner Sünden*” (Para me libertar dos laços dos meus pecados) retoma a consciência atormentada do coro inicial e reflete a ideia de não particularizar os autores da morte de Jesus: todos, exceto Ele, são (somos) pecadores. Na ária seguinte, com outro carácter, “*Ich folge dir gleichfalls mit freudigen Schritten*” (Eu sigo-te com passos alegres) o soprano, acompanhado por uma flauta virtuosa, afirma a sua fé. Ainda na primeira parte, a intensa explosão de dor do tenor, acompanhada por toda a orquestra, traduz a culpa de Simão Pedro após a negação (“*Ach, mein Sinn*”/ Ai, minha consciência).

O coro, essencial na obra, tanto representa a multidão hostil como a congregação, que possivelmente se juntava nos corais, meditativos e por vezes tristes, e na sua maioria oriundos dos séculos XVI e XVII e harmonizados por Bach. Representa a turba que pergunta “*Bist du nicht einer jünger einer*” (não és tu um dos seus discípulos) onze vezes, já que a décima segunda vez não existe, pois Pedro nega. É quem afirma, numa fuga estrita e arcaica, “*Wir haben ein Gesetz*” (nós temos uma lei), a multidão que grita “crucifica-o!”, os soldados que troçam e dividem as vestes de Jesus num frenesim, os que saúdam com ironia em

linhas sinuosas de desdém, o Rei dos Judeus. A morte de Jesus é consumada com “*Es ist vollbracht*”, comovente ária do alto, com frases entrecortadas, lentas, curtas e descendentes, acompanhada pela viola da gamba (instrumento antiquado na época), com uma secção central vivace com rápidas figurações sobre o texto “batalha concluída”.

O coro final, uma das mais comoventes peças de Bach, é uma sarabanda, dança lenta, mas também uma canção de embalar que revela intenso amor e profunda tristeza. Um último coral, com “lágrimas de alegria” e “louvor” venera a morte de Jesus Cristo como anúncio de promessa de vida eterna. A Paixão termina surpreendentemente em tonalidade maior, num gesto que abre caminho à Ressurreição no terceiro dia.

NOTAS DE SUSANA DUARTE

## Martina Batič

Vencedora do Concurso Eric Ericson em 2006, a eslovena Martina Batič é uma das principais maestras da sua geração. É reconhecida a sua versatilidade na direção de um vasto repertório, desde obras *a cappella* até corais-sinfónicas.

É a atual Maestra Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič foi Maestra Principal do Coro da Radio France (2018 a 2022), Diretora Artística do Coro Filarmónico Esloveno e Diretora Artística do Coro da Ópera Nacional Eslovena (2004 a 2009), em Liubliana. No início da temporada 2023/24, assumiu as funções de Maestra Principal do Ensemble Vocal Nacional da Dinamarca, em Copenhaga.

Como maestra convidada, dirige regularmente prestigiados agrupamentos corais, incluindo o RIAS Kammerchor, o Coro da Rádio de Berlim, o Coro da Rádio da Baviera, o Coro da Rádio MDR, o SWR Vokalensemble, o Chorwerk Ruhr, o Coro de Câmara Eric Ericson, o Coro da Rádio Sueca, o Coro de Solistas da Noruega, o Coro da Rádio dos Países Baixos, o Coro da Rádio da Flandres, a Züricher Singakademie, o Coro de Câmara de Helsínquia e o Bachchor Salzburg, entre outros agrupamentos.

Dirigiu concertos *a cappella* em eventos como o Festival do Mar Báltico (Estocolmo), o *Ultima Oslo*, o *Choregies d'Orange*, o *Festival Présences*, em Paris, ou os festivais de Montpellier e Saint-Denis. Em 2018 dirigiu o Coro da Rádio Sueca e o Coro de Câmara Eric Ericson num concerto de gala para assinalar o 100.º aniversário de Eric Ericson.

Martina Batič estudou na Academia de Música da Universidade de Liubliana e na Universidade de Música e Teatro de Munique. Obteve o grau de mestre em direção coral, com distinção, em 2004. Em 2019 recebeu o prémio nacional esloveno *Prešeren Fund Awards*, pelas suas realizações artísticas no domínio da direção coral.

## Johanna Zimmer

Johanna Zimmer é uma especialista em música contemporânea, sendo também muito solicitada para interpretar os repertórios de canção de câmara e de oratória. Apresentou-se na Europa, na Ásia e nos EUA, tendo atuado em festivais como o SALT New Music (Canadá), a Semana da Nova Música de Xangai, o Festival de Salzburgo, o Festival de Bregenz, o Festival de Schwetzingen, a Bienal de Veneza, o Wien Modern e o Donaueschinger Musiktage. Como cantora convidada, atuou na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera de Oslo, na Ópera da Flandres, na Philharmonie de Berlim, na Elbphilharmonie de Hamburgo e no Konzerthaus de Viena, entre outros palcos. Como solista, colaborou com vários agrupamentos, incluindo as Sinfónicas WDR e SWR, a Orquestra da Radio France, o Klangforum Wien e o Ensemble Recherche, sob a direção de maestros como Simon Rattle, Alejo Pérez, Emilio Pomarico e Bas Wiegers. De 2015 a 2020, foi soprano solista dos Neue Vocalsolisten Stuttgart. Estreou obras de Beat Furrer, Georges Aperghis, Alexey Retinsky, Annelies Van Parys, Johannes Kalitzke e Simon Steen-Andersen. Orientou *masterclasses* para cantores e compositores em Darmstadt, Hong Kong, Lugano, Los Angeles, Cairo e Copenhaga e colaborou em muitas gravações, maioritariamente de música contemporânea.

## Marie-George Monet

Depois de completar formação superior em Musicologia na Universidade François Rabelais, em Tours, Marie-George Monet ingressou na Guildhall School of Music and Drama, em Londres. O seu interesse pela música de câmara levou-a a partilhar o palco com grupos como Accentus, Musicatreize, Les Jeunes Solistes ou De Caelis. Mais tarde, passou a colaborar regularmente com Les Traversées Baroques, sob a direção de Etienne Meyer. Trabalhou também com músicos como Christian Curnyn, Sylvain Cambreling, Christian Zacharias, Laurence Equilbey, Andrés Orozco-Estrada ou Barbara Hannigan.

O seu repertório inclui a ópera, com destaque para *L'Orfeo* (Messaggiera) e *L'incoronazione di Poppea* (Arnalta) de Monteverdi, *A flauta mágica* (terceira dama) de Mozart, *Hänsel und Gretel* (a bruxa) de Humperdinck, e *Il Diluvio Universale* (Divina Justiça) de M. Falvetti. No domínio da música contemporânea, foi solista em estreias mundiais de *Yvonne, princesse de Bourgogne* de Philippe Boesmans (Ópera de Paris e Viena), *Slutchaï* de Oscar Strasnoy (Ópera de Bordéus), *Babel after the war* de Xavier Dayer (Théâtre de Vevey), e *La Digitale* de Juan-Pablo Carreño (Teatro Colón de Bogotá). Gravou vários ciclos de canções de Frédéric Pattar, Félix Ibbarrondo e François-Bernard Mâche. Apresenta-se com regularidade em prestigiados festivais, incluindo *Présences* (Paris), Aix-en-Provence, La Chaise-Dieu, *Agapé* (Genebra), Cuenca (Espanha), Varaždin (Croácia), *Tenso* (Oslo), Mid Europe Early Music Festival (Polónia), *French May* (Hong Kong) ou Salzburgo (Áustria). Atuações recentes incluem *Chants de l'amour*, de Grisey (Biblioteca Nacional de França), *Requiem de Mozart* (com a Orchestre Les Siècles), *As bodas de Stravinsky* (Radio France), e o *Messias* de Händel, na Fundação Gulbenkian.

## Conny Thimander

O tenor sueco Conny Thimander concluiu um Mestrado em Artes na Academia de Ópera de Estocolmo. Recebeu o segundo prémio no Concurso Gösta Winbergh e a Bolsa de Estudo Bayreuth da Sociedade Wagner da Suécia. Na temporada 2024/25, interpretou o 1.º Judeu, em *Salome* de R. Strauss, na Ópera Nacional Finlandesa, bem como Julian, em *Snösystemen* de Magnus Johansson, e Narraboth, em *Salome*, na Ópera de Malmö. Em 2023/24, interpretou Don Ramiro, em *La Cenerentola*, estreou-se na Ópera Hedeland (Dinamarca), sob a direção de Nathanaël Iselin, e na Folkoperan (Estocolmo), com Henrik Schäfer. Na Ópera de Malmö interpretou Pong, em *Turandot*, uma produção do Festival de Ópera de Savonlinna. Em 2022/23, interpretou Vašek, em *A Noiva Vendida* de Smetana, na Ópera de Gotemburgo, Japeth e Sumo Sacerdote, em *The Book of Life* de S. D. Sandström, e Orfeu, numa versão experimental da ópera de Monteverdi, em Copenhaga. Destaque ainda para a estreia da peça *Wir sind Erde*, escrita e dirigida por Gregor A. Mayrhofer na Philharmonie Berlin. Outras produções e desempenhos recentes incluem: Flute, em *Sonho de Uma Noite de Verão* de Peter Hall, na Ópera de Malmö (2021); o papel de Inspetor de Polícia, em *O Nariz de Chostakovitch*, na Ópera Real Dinamarquesa (2022); André, em *Prima Donna* de Rufus Wainwright, na Ópera Real Sueca (2021); Mercúrio, em *Orphée aux enfers* de Offenbach, em Malmö (2020); O Idiota, em *Boris Godunov*, e Scaramuccio, em *Ariadne auf Naxos*, na Ópera de Gotemburgo (2018). Conny Thimander também abordou vários papéis no domínio da ópera barroca, incluindo Pastor, em *L'Orfeo* de Monteverdi, no Drottningholm Palace Theatre, e Demo, em *Giasone* de Cavalli. Interpretou ainda muitas das grandes oratórias em concerto, com destaque para as *Paixões* de J. S. Bach.

## Thomas Hobbs

O tenor inglês Thomas Hobbs é convidado regularmente a colaborar com vários agrupamentos de renome da música barroca e antiga. Na temporada 2025/26, os seus compromissos incluem: *Messias* de Händel, com o Coro e a Orquestra Gulbenkian, a Victoria Symphony e a Filarmónica da Pomerânia; o Evangelista, na *Paixão segundo São João* de J. S. Bach, com Il Pomo d'Oro e com o Coro e a Orquestra Gulbenkian; e *Judas Maccabeus* de Händel, com o Vocalensemble Rastatt e Les Favorites. Apresenta-se também no Wigmore Hall, no âmbito das celebrações do 400.º aniversário de John Dowland.

Dá continuidade às longas relações artísticas com os agrupamentos Gli Angeli Genève, Le Banquet Celeste, Alia Mens e Les Arts Florissants.

Destques de atuações recentes incluem, entre outras: a *Paixão segundo São Mateus* de Bach, com o RIAS Kammerchor e a Philharmonie Zuidnederland; um programa de cantatas de Bach, em digressão com a Constellation Orchestra; a Missa em Si menor, no Festival Bach do Oregon; digressões europeias com a Sociedade Bach dos Países Baixos; Evangelista, na *Paixão segundo São Mateus*, com o Bach Collegium Japan; e as *Vésperas* de Vivaldi, com o Musikpodium Stuttgart e o Kammerchor Stuttgart.

A discografia de Thomas Hobbs inclui várias obras de Bach, incluindo a Missa em Si menor, com o Collegium Vocale Gent e com o Dunedin Consort, uma seleção de motetes, *Cantatas de Leipzig* e a *Oratória de Natal*, com o Collegium Vocale Gent e o Dunedin Consort, e *Cantatas de Weimar*, com o Alia Mens. Gravou também *Acis and Galatea* e *Esther*, de Händel, com o Dunedin Consort, e a Missa em Dó maior de Beethoven, com o Stuttgart Kammerchor. A gravação do *Requiem* de Mozart, com John Butt e o Dunedin Consort, recebeu o prémio *Gramophone* de 2014 para “Melhor Gravação Coral”.

## André Baleiro

André Baleiro iniciou a sua formação musical e vocal aos dez anos de idade no Instituto Gregoriano de Lisboa. Após frequentar a Escola Superior de Música de Lisboa, deslocou-se para Berlim para estudar canto na Universidade das Artes, com Siegfried Lorenz, Axel Bauni e Eric Schneider. Em 2016 ganhou o Concurso Internacional Robert Schumann, em Zwickau, na Alemanha, bem como o Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa, em Lisboa. Colabora regularmente com a Ópera de Câmara de Munique, onde se estreou em 2016 no papel de Figaro (*O barbeiro de Sevilha*). Outros papéis de destaque incluem: Don Parmenione (*L'occasione fa il ladro* de Rossini) no Teatro Pérez Galdós, em Las Palmas; Conte Belfiore (*Fra due litigante* de G. Sarti) e Capitaine (*Les trois Souhais* de B. Martinů) no UNI.T (Berlim); o papel principal em *Ainda não vi-te as mãos* (2011) de Ayres d'Abreu, no Teatro Municipal de Santarém; Caporale (*Il cappello di paglia di Firenze* de Nino Rota) e Pantalone (*Turandot* de Busoni) no Teatro Nacional de São Carlos. Da sua atividade de concerto destacam-se as *Paixões* de J. S. Bach, na Fundação Gulbenkian, a cantata *Dona nobis pacem* de V. Williams, no Teatro Nacional de São Carlos, *Um Requiem Alemão* de Brahms, na Salle Métropole de Lausanne, e o *Requiem* de Fauré, no festival *La Folle Journée*, em Nantes e em Tóquio. Apresenta-se regularmente em recital com diversos pianistas, de entre os quais se destacam João Paulo Santos e David Santos pela longa colaboração. Em 2015, no Piano Salon Christophori, em Berlim, interpretou o *Italienisches Liederbuch* de Hugo Wolf, acompanhado por Eric Schneider. Foi bolseiro da Fundação Walter & Charlotte Hamel em Hanôver e da Fundação Gulbenkian.

## Lars Johansson Brissman

O barítono sueco Lars Johansson Brissman nasceu em Estocolmo, cidade onde estudou no Conservatório Real de Música e na Academia de Ópera da Universidade das Artes. Recebeu o Prémio Kristina Nilsson, o Prémio Joel Berglund e o Prémio da Real Academia Sueca de Música. É um dos cantores escandinavos mais solicitados internacionalmente, sendo um convidado regular das principais orquestras e festivais. Apresenta-se com frequência na Europa, nos EUA e na Austrália, interpretando um vasto repertório que se estende da Renascença até à contemporaneidade. No domínio da ópera, interpretou, entre outros papéis: Liconte e Caronte (*Orlando Paladino* de J. Haydn); Shaunard (*La bohème* de Puccini); Lars-Edward (*Hummelhonung* de Carl Unander-Scharin, em estreia mundial na Ópera Real Sueca); Parsi Rustomji e Krishna (*Satyagraha* de Philip Glass); Ricimer (*Ernelinde* de André Danican Philidor); Polifemo (*Acis and Galatea* de Händel, com a Norwegian Baroque Orchestra); Eneias (*Dido e Eneias* de Purcell); Donner (*O Ouro do Reno* de Wagner); Guglielmo (*Così fan tutte* de Mozart); Mirka Zeta (*A Viúva Alegre* de Lehár); bem como Ulf e Kark, em *Den Bergtagna* de Ivar Hallströms. Atuações recentes incluem: a *Paixão segundo São João* de J. S. Bach, com a Sinfónica de Milão e o maestro Ruben Jais; a *Paixão segundo São Mateus* de J. S. Bach, com a Residentie Orkest Hague; o papel principal em *Macbeth* de Verdi, na Läckö Slottsopera; Gobrias, em *Belshazzar* de Händel, em Karlstad; a *Oratória de Natal* de J. S. Bach, em Stavanger, Haugesund e Kristiansand; *Um Requiem Alemão* de Brahms, em Estocolmo, Gotemburgo, Oslo, Karlstad e Uppsala; a *Paixão segundo São Mateus* de J. S. Bach, em Trondheim, bem como a Missa em Si menor de J. S. Bach, também em Estocolmo.

## Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos.

No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburger Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence.

A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

### SOPRANOS

Ariana Russo  
Bianca Varela  
Carina Matias Ferreira  
Catarina Carvalho  
Isabel Cruz Fernandes  
Margarida Simões  
Maria João Sousa  
Maria José Conceição  
Sofia David  
Teresa Duarte

### CONTRALTOS

Beatriz Cebola  
Carmo Pereira Coutinho  
Joana Esteves  
Joana Nascimento  
Lucinda Gerhardt  
Madalena Barão  
Manon Marques  
Margarida Simas  
Markéta Chumová  
Patrícia Manso

### TENORES

Aníbal Coutinho  
Artur Afonso  
Bruno Sales  
Francisco Cortes  
Gustavo Paixão  
Jaime Bacharel  
João Pedro Afonso  
Miguel Carvalho  
Pedro Miguel  
Ricardo Moniz

### BAIXOS

Afonso Moreira  
Alexandre Gomes  
Filipe Leal  
João Costa  
João Luís Ferreira  
João Silva  
José Bruto da Costa  
Miguel Jesus  
Nuno Rodrigues  
Rui Bôrras

---

### COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

### PRODUÇÃO

Inês Rosário  
Marta Ferreira de Andrade  
Inês Nunes

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas.

Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO  
Maria Balbi 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Alla Javoronkova  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Catarina Ferreira  
Catarina Resende  
Margarida Queirós  
Félix Duarte

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Piotr Rachwał 2º SOLISTA  
Jorge Teixeira  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Ana Isabel Malheiro  
Gonçalo Melo  
Bernardo Barreira  
Ricardo Vieira

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA  
Lu Zheng 1º SOLISTA  
João Tiago Dinis 2º SOLISTA  
Nuno Soares  
Sara Moreira  
Artemis Balkiz  
Joana Silva  
Micaela Miranda

## VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA  
Raquel Reis 2º SOLISTA  
Jeremy Lake  
Leonor Moniz  
Tiago Mirra

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Natan Ca'Zorzi 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA | CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA | CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA | CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA | TROMBONE BAIXO

## TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

## ÓRGÃO

Miguel Jalôto 1º SOLISTA\*

## VIOLA DA GAMBA

Sofia Diniš 1º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

---

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins

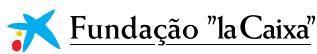
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



